

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

*Sede de Redacção*

Associação Agostinho da Silva  
Rua do Jasmim, 11 r/c – 1200-228 Lisboa  
Tel: 213422783 – 967044286  
[www.agostinhodasilva.pt](http://www.agostinhodasilva.pt) – [agostinhodasilva@gmail.pt](mailto:agostinhodasilva@gmail.pt)



*Assinaturas*  
[www.zefiro.pt/novaaguia](http://www.zefiro.pt/novaaguia)

*Blogue*  
[www.novaaguia.blogspot.com](http://www.novaaguia.blogspot.com)

*Email*  
[novaaguia@gmail.com](mailto:novaaguia@gmail.com)

*Título*

Nova Águia – N.º3 – 1.º Semestre 2009

*Autores*

Vários autores

*Direcção*

Paulo Borges, Celeste Natário e Renato Epifânio

*Recolha e Revisão de Textos*

Ana Margarida Esteves, Celeste Natário, Duarte Drummond Braga,  
Paulo Borges, Renato Epifânio e Rui Lopo

*Capa*

Pormenor de *Ao Gostinho da Silva* – Pintura de Henrique Gabriel,  
reproduzida com a amável permissão do autor. [www.hgabriel.com](http://www.hgabriel.com)

*Ilustrações*

Délio Vargas, Henrique Mourato, Ruela

*Editor*

Alexandre Gabriel

1.ª Edição: 3 de Abril de 2009 | ISBN: 978-972-8958-80-0  
Depósito Legal: 290 754/09 | Impressão: Rolo & Filhos II, S.A.

© 2009, Nova Águia & Zéfiro



**Zéfiro**  
Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.  
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal  
Tel.: (+351) 914 848 900 – Email: [zefiro@zefiro.pt](mailto:zefiro@zefiro.pt)  
[www.zefiro.pt](http://www.zefiro.pt)

## ESTÉTICA E ARTE EM AGOSTINHO DA SILVA

De modo um pouco surpreendente Agostinho afirmou que só muito tarde, na sua vida, é que se interessou por "... filosofia [...] pintura [...] música..."<sup>1</sup>. Tal afirmação, por não me parecer verdadeira, causou-me alguma estranheza e levou-me a indagar pelo seu verdadeiro alcance. Sabemos que o ofício da filosofia não lhe apareceu muito tarde, já que no curso universitário foi obrigado a contactar com ela, o mesmo se passando em relação à estética e à arte nas suas diversas configurações. Como entender, então, esta contradição?

A explicação parece-me residir no facto de Agostinho se estar a referir que só muito tarde usufruiu de um contacto mais próximo com a produção estética e artística, pois, a sua especulação desde muito cedo incluiu estas áreas.

Vejamos, então, os principais marcos da reflexão estética e artística de Agostinho começando por lembrar o que escreveu em 1937 no prefácio que assinou para a obra *Corte na aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo, onde, acerca das inscrições aí feitas sobre as paisagens nos disse que o seu autor revela um "...misto de ternura e de elegante cansaço da vida, de côres idílicas e de esbatidos, de traços firmes e de céus azuis, sugerem, quando são mais perfeitas, as telas de um Watteau e de um Corot, em que se abrissem, de onde a onde, os límpidos ares de Beruete"<sup>2</sup>. Quem foi capaz de estabelecer estas comparações, com certeza conhecia as telas dos artistas que aparecem referidos. Ou-

tro testemunho que contraria a primeira afirmação de Agostinho é-nos fornecido pela poetisa brasileira Dora Ferreira da Silva com quem manteve laços de amizade, que ao relatar um evento cultural ocorrido em 1944 ou 1945 no Brasil, Agostinho terá feito uma intervenção pública sobre a pintura de Van Gogh designada *Quarto de Artista*, na qual "...indagava se aquele quarto simples era um protesto ou uma revelação [...] Depois de uma longa pausa, AGOSTINHO propôs a seguinte resposta. Van Gogh não pretendeu com esse quadro sensibilizar ninguém, não falou das suas dificuldades económicas [...] não falou da sua orelha cortada [...] não falou da amizade trágica de Gauguin [...] O *Quarto de Artista* apenas testemunha a sua 'devotion' pela arte"<sup>3</sup>. Quem ousou fazer esta interpretação de um quadro famoso e de um artista controverso não era, com certeza, desprovido de conhecimento estético.

Tal relato não é surpreendente uma vez que no caderno por si dedicado ao pintor francês do realismo Courbet, escreveu: "...o que se combatia com inteira razão, era a fuga perante a vida cotidiana no que ela contém de tortura, de desespero, de aniquilamento do corpo e do espírito para os que o acaso não lançou às altas esferas sociais; e havia em todo o movimento um anseio de considerar o universo em conjunto, de não separar as actividades humanas, de não pôr para um lado a vida e para outro a arte..."<sup>4</sup>.

Agostinho da Silva entendia a estética, tal como na tradição grega, para designar o conhecimento que nos chega através dos sentidos e que é oposto ao conhecimento científico ou intelectual. Contudo, para si, sem este nível de conhecimento, ne-

<sup>1</sup> Sousa, Antónia de, *O império acabou. E agora?* (entrevista), Notícias Ed., 2000, p. 27.

<sup>2</sup> Agostinho da Silva, "Prefácio", in Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na aldeia*, Seara Nova, 1937, p. 9.

<sup>3</sup> Silva, Dora Ferreira da, "A complexa simplicidade", in *A Phala - Agostinho da Silva* - nº 38, 1994, p. 19.

<sup>4</sup> Agostinho da Silva, "A vida e a arte de Courbet", in *Iniciação - cadernos de informação cultural*, 8ª série, p. 18.



nhum dos outros poderia ser alcançado na sua plenitude. No seu caso, diversas são as ocasiões em que atribuiu à estética a primazia em relação ao conhecimento intelectual, escrevendo, em 1984: “Se alguma vez acerto é porque me calha intuir, muito mais do que por quaisquer racionais processos...”<sup>1</sup>, ideia, aliás, que ganha conteúdo mais alargado quando em resposta a Eduardo Paz Barroso afirmou: “...quando digo poetas, digo que um homem que trata de máquinas, ou de processos de produção, é poeta, à sua maneira. Em tudo se trata de imaginação e depois, de meios de expressão”<sup>2</sup>.

A constância do seu pensamento, a este propósito, sempre se manteve inalterada, pois em 1930, num texto publicado no jornal *O Comércio do Porto*, onde analisou um livro que tratava o enigma das bailarinas de Tânagra, escreveu: “Só uma superior intuição, um conhecimento estético, poderá compreender perfeitamente a dama das Tanagrinas [...]’. ‘Continuam [...] esperando que alguém mostre como elas, com a sua dança, quebravam a noção do individual e do limitado, conduziam as almas à comunhão com a divindade...’<sup>3</sup>.

A arte grega deixava-lhe a impressão de uma “...vida elevada e nobre, pura, porque é inteligente, serena, porque acima de tudo se procura o justo meio, ardente, porque o espírito não pára na sua busca de beleza”<sup>4</sup>.

Em Agostinho a arte tinha a função de revelar a verdadeira essência das coisas, essência essa que nos permanece inacessível: “...a obra de arte, de qualquer es-

pécie que ela seja, dá-nos, pela sua fuga ao tempo e ao que é individual, uma possibilidade de limitarmos a existência da dor”<sup>5</sup>. Agostinho considerou que o princípio da individuação era prejudicial quer aos homens quer aos deuses, pois se os primeiros ficaram mais longe da plenitude que já gozaram, os segundos passaram a ter de contar com a sucessão do tempo e a imperfeição dos instantes que o constituem: “...o momento em que contemplamos uma obra de arte e nos sentimos inteiramente tomados por ela é o momento em que o deus apercebe o conjunto e se liberta, por um instante, do tormento de viver”<sup>6</sup>.

Agostinho, à maneira platónica, entendeu o Bem em conjunto com o Belo, ambos pertencentes às verdadeiras Formas para que o mundo haveria de reverter e que se revelaria pelo reatamento do esplendor Divino: “Quando o Belo se apodera do homem diz ele que o ama. No fundo é Deus a si próprio se amando; se és, porém, ateu, poderás dizer que é o Belo a si mesmo se reconhecendo”<sup>7</sup>. O Belo ao quebrar o princípio da individuação poderia finalmente fazer com que todos os homens se cumprissem na sua humanidade e se reencontrassem no uno que os originou.

Noutro lado, contudo, algo contraditoriamente, ao escrever sobre Zola e a incompreensão que se gerou acerca da sua obra, refere que tais análises se devem ao facto dessas interpretações procurarem “...formular juízos de valor: porque pretendem raciocinar, fazer pensamento discursivo, sobre o que foi puramente acto estético...”<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> “Depoimento”, in *Saúde Mental* – Nro especial de homenagem ao Dr. João dos Santos, 1984, p. 125.

<sup>2</sup> “Portugal tem que resolver qual é o seu destino”, in *Jornal de Notícias*, 17-11-1987, p. 14.

<sup>3</sup> “Dançarinas de Tânagra”, in *Estudos sobre cultura clássica*, Áncora Ed., 2002, p. 269.

<sup>4</sup> “A escultura grega”, in *Iniciação – cadernos de informação cultural*, 5ª série, p. 6.

<sup>5</sup> “Conversação com Diótima”, in *Textos e ensaios filosóficos I*, Áncora Ed., 1999, p. 157.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> *Reflexões, aforismos e paradoxos*, Thesaurus, p. 171.

<sup>8</sup> “Zola”, in *Estudos e obras literárias*, Áncora Ed., 2002, p. 160.

Para Agostinho a vida, na sua totalidade, era o suporte da arte: "O ideal do artista deve ser conhecer tudo, porque só assim lhe não ficará oculta nenhuma faceta da vida; depois, escrever o seu poema ou a sua crítica, pintar o seu quadro, compor a sua sinfonia, esculpir a sua estátua, levantar o seu templo, como se não conhecesse nada, como se fôsse ingénuo; 'ir só por onde o levarem seus próprios passos'..."<sup>1</sup>. A vida toda e não os seus fragmentos, daí a sua relutância em aceitar uma arte pela arte, tal como o esteticismo de Wilde propunha, ajudando a fazer dos artistas uma espécie de homens superiores: "O artista se julga com direitos que vão além das linhas impostas ou permitidas ao comum dos homens; e, se julgar que se tem direitos quando, como homem, nada mais se tem que deveres, é já um princípio de maus caminhos..."<sup>2</sup>.

Agostinho foi mais longe na rejeição do esteticismo de Wilde e na condenação da sobrançeria inusitada dos artistas contemporâneos e, para tanto, contrapôs-lhes a humildade dos artistas e intelectuais da Idade Média, que, de uma maneira geral, nem sequer assinavam as obras que criavam. Para si era incompreensível que qualquer ser humano, porque exhibia dotes que poucos eram capazes de igualar, quisesse ser venerado e se pusesse em plano superior em relação aos que consigo conviviam. A arte era por si entendida como uma forma de servir a humanidade, seguindo os medievais que tinham deixado exemplo de "...artistas que julgavam, acima de tudo, estar transmitindo o que lhes era inspirado, não o que saía de seus pobres e limitados seres; artistas que, pintando, serviam, aos homens, e louvavam a Deus"<sup>3</sup>. A humildade artística que pro-

pagou devia-se à sua inteira convicção de que "...toda a arte não é mais do que a revelação, fragmentada por homens, tempos e países, do Artista supremo que Deus é; a marca essencial de Deus é provavelmente a sua fantasia de criação: daí o Amor e a Acção; Amor ao que dele surge, Acção para que dele surja. Fantasia criadora que simultaneamente nos dá o tempo e a eternidade..."<sup>4</sup>.

O acto da criação e o papel da crítica também não fugiram às suas análises. A dado momento estabeleceu que "É elementar que o artista não cria a realidade; vai buscar os materiais que se lhe oferecem, que lhe são comuns com os outros homens; na escolha deles reside o seu primeiro trabalho [...] em seguida tece um certo número de relações entre êsses elementos; quanto mais amplas elas forem, de mais universal carácter e valor, tanto mais elevado será o poema..."<sup>5</sup>. É exactamente o carácter individual e solitário da criação artística que Agostinho aqui quis defender. O artista é uma espécie de demiurgo que faz com que a beleza momentânea possa desvelar o Eterno: "...o artista já apresenta a Natureza, ou antes, a parte da Natureza que o impressionou, separada de todos os elementos que poderiam perturbar o espectador; o artista presta a quem o é menos o serviço de facilitar a contemplação do mundo"<sup>6</sup>.

Repudiando o facto de a criação se ter transformado num mero negócio, continuou a pensá-la apenas como forma privilegiada de caminhar para a unidade perdida: "O grande poeta hoje ou o grande romancista, o grande criador, não cria para vender livros. A venda dos livros é uma consequência e interessa muito mais ao editor e ao livreiro do que ao poeta,

<sup>1</sup> "Glossa: Clássico", in *Seira Nova*, nº 321, Outubro de 1932, p. 139.

<sup>2</sup> "As aproximações (Criação própria)", in *Textos e ensaios filosóficos II*, Ancora Ed., 1999, p. 36.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> "Diário de Alceste (Conselhos)", in *Textos e ensaios filosóficos I*, Ancora Ed., 1999, p. 211.

<sup>6</sup> "Conversação com Diótima", in *ibidem*, p. 125.



embora o nosso amigo poeta tenha que viver. Ele criou o seu romance ou criou a sua matemática nova ou a sua física porque ela o apaixonou. Depois as consequências podem ser muito interessantes sobre o aspecto pecuniário, mas não é essa a mola que o faz avançar<sup>1</sup>. Criar impunha-se assim como uma obrigação que o autor, independentemente da sua área, não podia deixar de cumprir.

Agostinho mostrou-se desagradado com o evoluir da criação artística para o campo do negócio e a capitalização de mais valias: “A arte passou a ser uma coisa de poucos e de ricos, de pretensos génios excepcionais sujeitos à corrupção e de quem, a não apreciando, lhe conferia poderes de posição social<sup>2</sup>. A arte, modernamente, deixou de servir a vida para se tornar num negócio em que só o estrito clube dos ricos pode participar. Já não é o tempo das catedrais e outras obras colectivas que nascidas do génio de alguns eram edificadas em nome de um povo e todos os indivíduos as podiam fruir e contemplar em toda a sua grandiosidade.

Em seu entender, a arte era ainda um substituto para a degradação do amor: “...quando o amor surge é uma obra de arte e o criador tem com ele todos os cuidados que se tem com uma obra de arte: por exemplo, o medo de lhe mexer, de acrescentar um retoque que possa inutilizar a expressão; deixa-se o amor incompleto...<sup>3</sup>. A arte deveria preocupar-se em revelar a essência da vida. No caderno que dedicou ao músico Bach, Agostinho deixou a seguinte observação: “Bach não tinha de que se evadir: as dificuldades exteriores da sua vida, as li-

mitações financeiras, a incompreensão dos poderosos, a indiferença da grande massa, em nada abalavam a sua confiança na bondade e na beleza intrínsecas da vida...<sup>4</sup>. Anotação que reiterou quando escreveu sobre a arte dos egípcios, povo em que “...nunca aparece a obra sem finalidade, feita segundo um princípio de arte pela arte; tudo tem a sua função, mas, ao mesmo tempo, tudo comunica aos trabalhos diários da vida uma dignidade de ritual<sup>5</sup>.

Afinal Agostinho sempre considerou como “...artista [...] um físico ou um matemático<sup>6</sup> e, também os santos.

Quanto à estética e à arte, então, mesmo apesar de alguma oscilação de pensamento, é o ideal da estética medieval que Agostinho mais acarinhou, aceitando que a Beleza que pressentimos em nossa volta é o espelho da Beleza congénita à natureza e que tem a sua origem em Deus.

Desta forma, os vectores estéticos e artísticos que Agostinho mais evidenciou podem ser repartidos em alguns núcleos fundamentais. Primeiro: entendeu a estética enquanto conhecimento sensorial, do qual dependeria o progresso do conhecimento intelectual e científico. Segundo: apontou a Idade Média como modelo da criação e valorização do trabalho intelectual e artístico. Terceiro: meditou sobre a criação artística como forma de acesso à unidade perdida. Quarto: reflectiu sobre o carácter subjectivo da arte. Quinto: teve diversas considerações sobre o artista e a criação. Sexto: constatou a tensão entre a arte e o amor. Sétimo: trocou argumentos entre uma arte pela arte e uma arte ao serviço da realidade. Oitavo: criticou o estatuto da arte moderna.

<sup>1</sup> *Vida conversável*, Assírio & Alvim, 1994, p. 182.

<sup>2</sup> “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”, in *Dispersos*, 2ª ed., ICALP, p. 248.

<sup>3</sup> “Sete cartas a um jovem filósofo”, in *Textos e ensaios filosóficos I*, Âncora Ed., 1999, p. 257.

<sup>4</sup> “Bach”, in *Iniciação - cadernos de informação cultural*, 11ª série, p. 12.

<sup>5</sup> “A arte egípcia”, in *ibidem*, p. 20.

<sup>6</sup> “Herta, Teresinha, Joan”, in *Estudos e obras literárias*, Âncora Ed., 2002, p. 87.